

Maria Lucia Mexias-Simon

Universidade Severino Sombra - Brasil; maria.mexias@uss.br

Os nomes e sua possível motivação

No campo da onomasiologia, quase tudo, a começar pela questão da referência e do significado, ainda constitui objeto de controvérsia ou nem sequer chamou a atenção dos lingüistas. O simples fato de saber se os nomes próprios têm ou não significado carece de uma resposta simples e universalmente válida.

A esse respeito, o que, em linhas gerais, se observa é que certos antropônimos guardam um significado simbólico ou etimológico, porém nenhum deles expressa qualquer tipo de relação significativa que os distinga dos nomes comuns como uma classe. Numa análise lingüística, o que se pode registrar é terem os nomes próprios função vocativa, quando se interpela o ouvinte, e função referencial, quando se alude a terceiras pessoas, presentes ou ausentes no cenário. Atendem, assim, às funções apelativa, uma vez que solicitam, ao menos, a atenção do ouvinte, e referencial, descritiva. Acredita-se que, quando os homens começaram a descobrir maior rendimento no trabalho compartilhado, descobriram também a necessidade de estabelecer sons reconhecíveis como interpelações ou referências a seus companheiros de trabalho. Passou-se, nesse momento, da horda à comunidade.

Além de vocativos e referenciais, são também, os nomes, índices de pertinência a uma coletividade mais ou menos ampla (família, clã, tribo), uma vez que as coletividades possuem regras para nomear, o que torna os nomes reconhecíveis como habituais num dado grupo, associando o portador do nome a esse mesmo grupo. Nesse ponto, nomear os seus membros é uma das formas de a comunidade manipular, controlar a natureza que a circunda, o que inclui manipular uns aos outros. É o ato de nomear, algo que se cria e se transmite às gerações mais jovens, como mediação entre pessoas e coisas. Da mesma forma, se transmite a maneira de usar instrumentos da vida cotidiana, não sendo a manipulação das coisas muito diferente da manipulação das relações sociais. O emprego tido como *adequado* de uma ou outra forma de manipulação (cumprimentar, usar os talheres, comportar-se em determinadas ocasiões sociais) caracteriza o indivíduo como adulto, como amadurecido para, por sua vez, transmitir a outros as normas assimiladas de mover-se no ambiente, de mover o ambiente, inclusive gerando e nomeando novos membros.

Apresentam-se, aqui, duas teorias: uma afirma serem os nomes próprios vazios de significado, meros marcadores do discurso, próximos das interjeições. Outra sustenta

possuírem, os antropônimos, um referente, sendo um signo lingüístico completo, uma vez que *indicam* a pessoa de quem se fala, o *assunto*. Nesse ponto, tem-se a questão dos nomes mitológicos, literários, históricos, com sua carga metafórico-emocional, suas associações positivas e negativas, aproximando-os dos nomes comuns, já que formam até derivados (força hercúlea, fome pantagruélica, atitude maquiavélica, teoria marxista, colégio teresiano). Essas associações nem sempre estão claras para todos os falantes que as empregam; provêm, por vezes, de repetições mais ou menos mecânicas, o que nos leva de volta à questão do *significado* dos antropônimos

Seja como for, o nome próprio é uma convenção extremamente importante. Em algumas culturas, confere mesmo poder e prestígio ao seu portador. Mesmo entre nós, esse fato pode ser registrado, em relação a certos sobrenomes, positiva ou negativamente famosos.

Os nomes fazem parte integrante do que se *apresenta* ao outro; é a segunda observação que se faz do recém-conhecido, sendo a primeira, a aparência física. Fazem parte, portanto, da *máscara*. Aderem a seus portadores, confundindo-se nomes e nomeados, fato nem sempre levado em conta no ato de escolha dos nomes, ao menos em nossa cultura. Procura-se uma suposta eufonia, uma homenagem nem sempre devida e da qual, às vezes, o nomeador se arrepende. Normalmente, carrega-se o nome pela vida inteira, restando o recurso a alcunhas, hipocorísticos, na tentativa de suavizar um nome não agradável.

Com base em historiadores e antropólogos, menciona-se o fato de, para algumas sociedades, estar o nome indissolivelmente ligado ao destino de seu portador, tornando-se, até mesmo, evitado juntamente com seu portador, quando este apresenta comportamento indesejável. Esse fato pode ser observado mesmo entre nós. Já se tornaram marca do autor de novelas, Manoel Carlos, as suas passionais *Helenas*. O nome passa a ser o nomeado, o seu *duplo*.

Na formulação dos nomes, os brasileiros são muito criativos, já levando Umberto Eco a dizer: "Jamais cheguei a me sentir à vontade com os nomes próprios brasileiros. Desafiam qualquer dicionário onomástico e só existem naquele país"¹. Em pesquisa junto a pessoas mais jovens e mais próximas geograficamente, (na tentativa de se traçar a situação atual), procurou-se levantar, diretamente com o responsável pela atribuição do nome, os possíveis motivos de tanta criatividade.

Este estudo, é parte de tese de pós-doutorado, toda relacionada ao uso dos antropônimos, não ficando estritamente presa a discutíveis explicações da Etimologia, em que pese a importância dessa ciência, no conhecimento da relação da linguagem com seus usuários.

Temos, aqui, a consciência de que, como já se falou, o xenismo ser uma questão de mais cedo ou mais tarde, de maior ou menor grau de habitualidade, de maior ou menor adaptação fonológica e/ou gráfica à língua de adoção.

Nesta pesquisa, procuramos levantar, junto aos responsáveis pela escolha do nome, possíveis determinantes para essa ou aquela opção. Para isso, evidentemente, deveríamos trabalhar com jovens portadores de nomes e, também, jovens responsáveis pela opção, numa busca de se traçar a situação atual. Foi feito levantamento em escolas

¹ 1995, p. 157.

públicas da região dos municípios de Vassouras e de Miguel Pereira. Foram escolhidos os alunos de 1^o grau, para se ter uma amostra da tendência, do gosto e da moda atuais. Contou-se com colaboração de alunas do Curso de Letras da Universidade Severino Sombra, na cadeira de Filologia Românica.

Tomaram-se alunos de escola pública para se ter maior diversificação na renda familiar e no grau de escolaridade dos pais. Em escola particular, ficaríamos limitados, apenas, às famílias de renda mais elevada e, possivelmente, a grau de escolaridade mais alto, sem se ter uma visão mais abrangente da sociedade local. Distribuíram-se questionários, solicitando o nome, informações de renda e de escolaridade e o motivo que levou à escolha do nome.

O *corpus* levantado é uma amostragem de 177 antropônimos; não necessariamente 177 pessoas, pois há casos de nomes duplos, embora não muitos; ao contrário do que se esperava, há uma demonstração de que os nomes duplos saíram de moda, ou os informantes evitaram declará-los, talvez por combinações, por eles mesmos, reconhecidas insólitas.

Consideraram-se apenas os *nomes de batismo*. Inicialmente, separaram-se os informantes segundo a renda familiar; acredita-se pertencerem os casos não declarados à chamada economia informal, o que não os levou à exclusão. Paralelamente, constatou-se o que já se sabia: as mulheres, ao menos na região considerada, apresentam escolaridade significativamente mais alta.

Consideraram-se *nomes tradicionais* a seqüência de fonemas reconhecida facilmente como um *nome de pessoa*. Para isso, contamos com a colaboração das próprias agentes coletoras, que identificavam os nomes como constantes em sua memória como tal. Em contraparte, criativos seriam os nomes totalmente insólitos, isto é, com as observações: *não conhecemos nenhum outro igual, soa estranho, etc.*

Consideraram-se como *estrangeiros* os nomes que se afastam do sistema fonológico e/ou gráfico da Língua Portuguesa, ou que possuem correspondente identificável em português (por exemplo, *Pablo*, que poderia ser traduzido por *Paulo*). Como se sabe é a noção de estrangeirismo uma questão de mais cedo ou mais tarde, de maior ou menor adaptação ao sistema. O gosto pelos nomes de origem estrangeira ou com grafia falsa ou verdadeiramente estrangeirada pode se dever a uma admiração pelo “lá de fora”, como a exibição de erudição, a busca de exotismo, de cor local, de originalidade, de expressividade. Por um processo contrário, usam-se xenismos afeiçoados a nossa fonologia, com desconhecimento de sua origem (Carina, Méri, etc). Também ocorre de o desconhecimento da origem levar a grafias insólitas, como *Karina*, *Apparecida*, etc.

Consideraram-se recebidos pela mídia aqueles nomes prontamente associados a artistas e esportistas famosos, personagens de novelas (John Lennon, Rondinelli, Caíque etc).

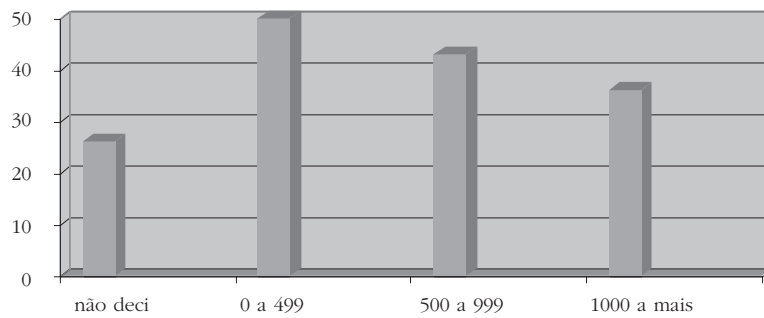
Tomaram-se como *personalizados* os casos de sílabas reunidas a esmo, confessadamente, pelos autores das denominações, por vários motivos: desejo de não haver outro igual, aglutinação de outros nomes, e, até mesmo, “por querer tudo, menos *júnior*”.

Retomados em homenagem são os nomes repetidos de pessoas do real conhecimento do responsável. Aqui, observa-se não serem apenas os antepassados os homenageados, mas também pessoas que foram, em alguma conjuntura, simpáticos aos pais. De qualquer forma, permanece um vago desejo de imortalizar a pessoa reverenciada, ou de que se lhe repitam as características.

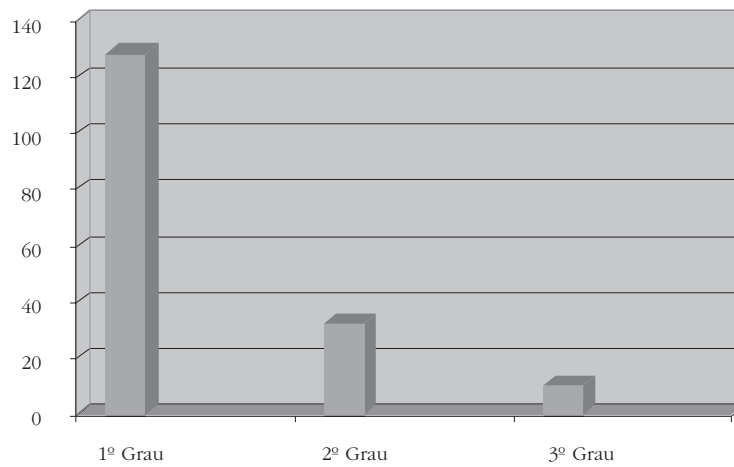
Como nomes de inspiração místico-religiosa, tomaram-se aqueles que se dizem devoção a um santo, tirado da Bíblia, por ordem da entidade-guia, recebido em sonhos, pela numerologia etc.

Apresentamos, aqui, os dados obtidos, em forma de gráficos, para uma melhor visualização.

Renda Familiar (em números absolutos)

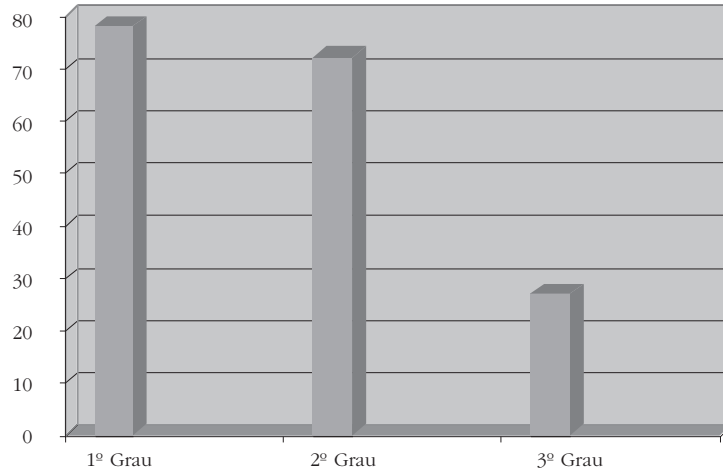


Grau de Escolaridade do Pai (em números absolutos)

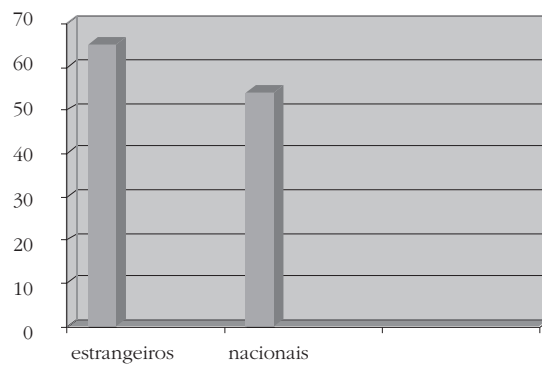
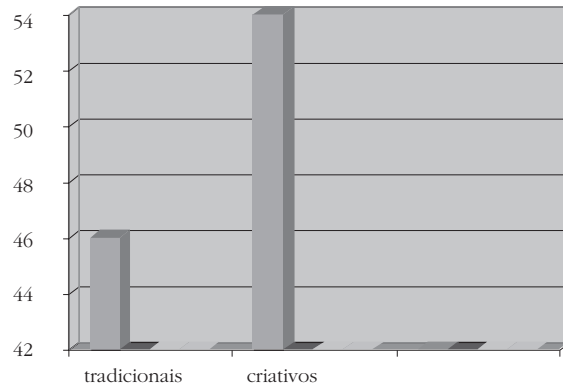


OS NOMES E SUA POSSÍVEL MOTIVAÇÃO

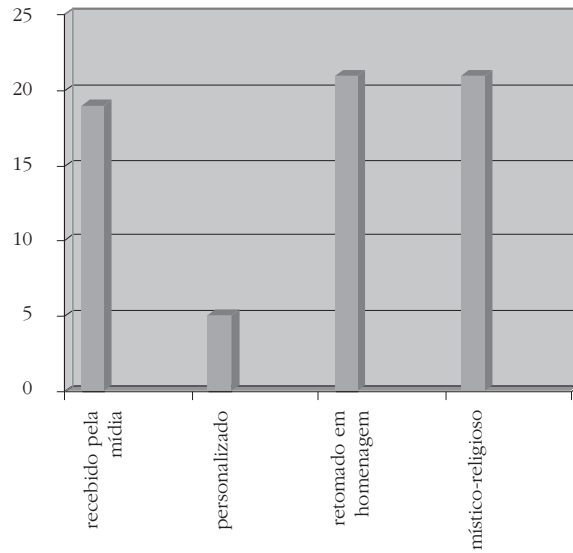
Grau de Escolaridade da Mãe (em números absolutos)



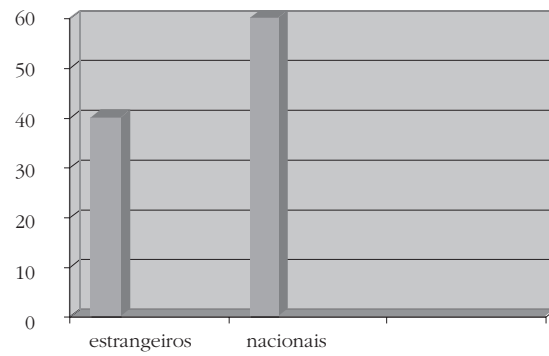
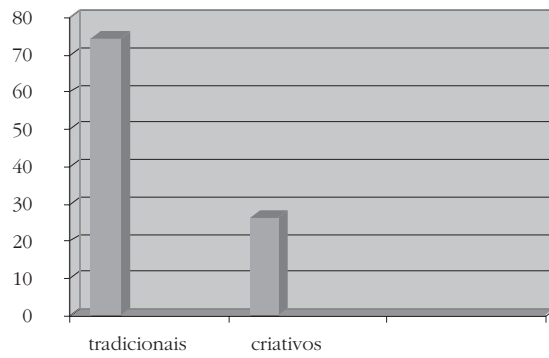
Em renda não declarada (em percentagem)



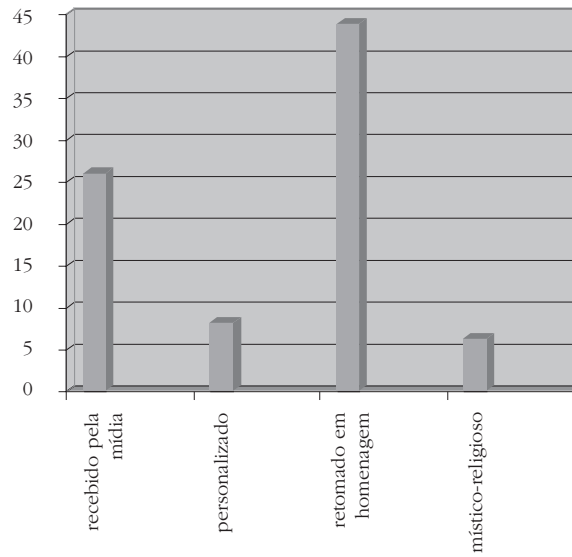
MARIA LUCIA MEXIAS-SIMON



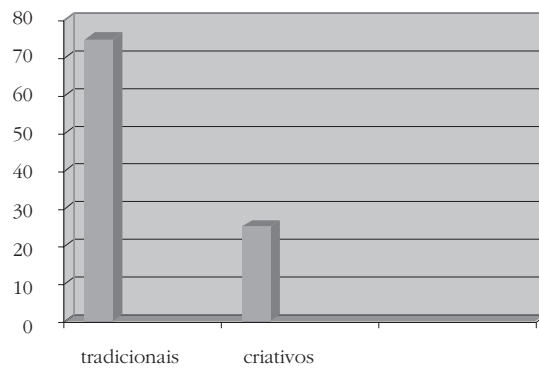
Em renda de 0 a 499 reais (em porcentagem)



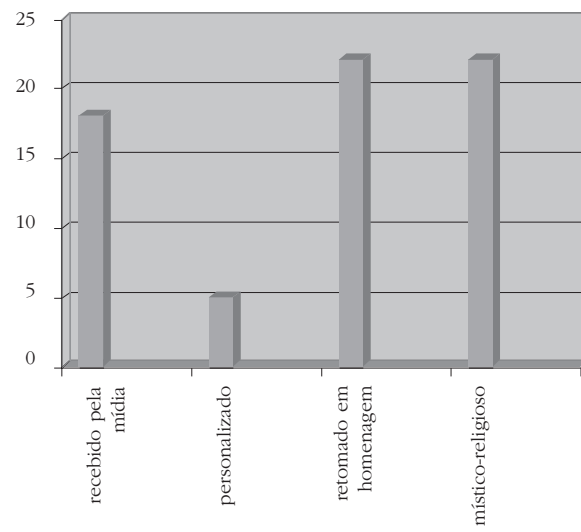
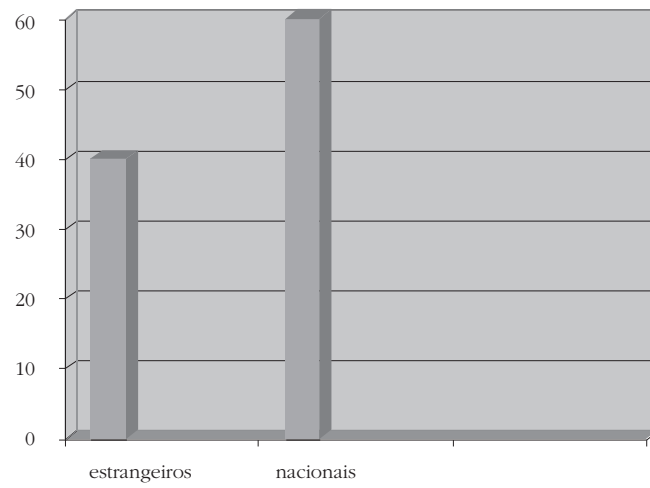
OS NOMES E SUA POSSÍVEL MOTIVAÇÃO



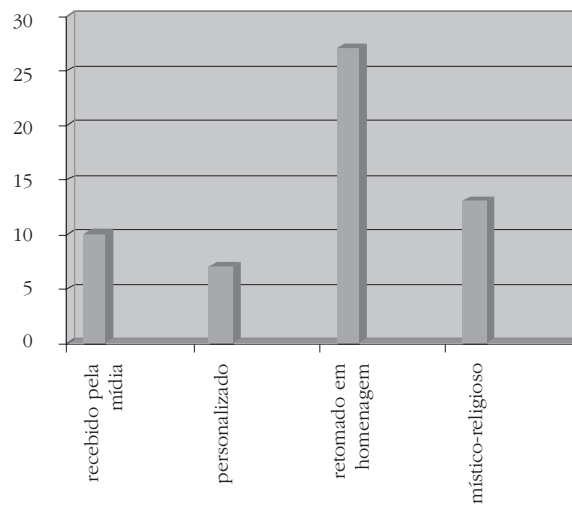
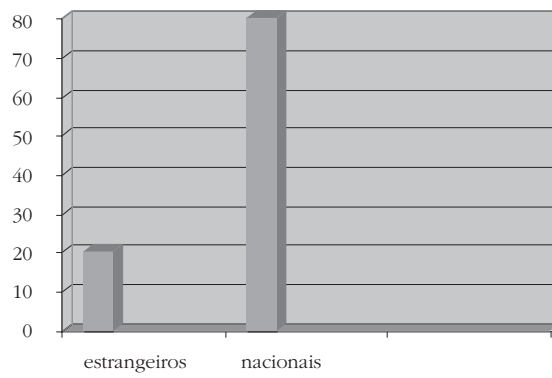
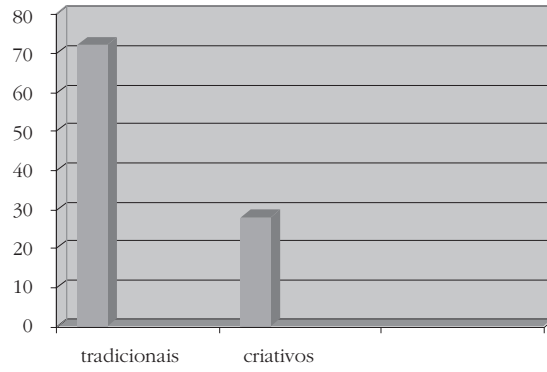
Em renda de 500 a 999 reais (em percentagem)



MARIA LUCIA MEXIAS-SIMON



Em renda de 1000 reais em diante (em porcentagem)



Pai com 3º grau completo

